

OPERÁRIO EM DESTRUIÇÃO

Nairo abriu a marmita e suspirou resignado. Moveu lentamente o garfo, levando o feijão frio à boca. Era sexta-feira, cinco de junho, dia de pagamento. Sentado junto ao barracão de ferramentas, ele engolia sem mastigar, calculando quanto receberia.

Os algarismos embaralhavam-se em sua cabeça. Cruzeiro, cruzado, real, tira zero, bota zero, divide por esse indexador, multiplica por aquele... Quem entende esta coisa toda? Prometera um presente de aniversário para o filho mais velho, desta vez algo tinha que sobrar.

Observou o edifício a sua frente. Sacadas de mármore, revestimento de granito, jacuzzi, três vagas na garagem.... Tinha dado um trabalhão, mas ficara uma beleza. Não se lembrava, nestes anos todos, de ter participado de uma obra de tanto gabarito.

Engoliu a última batata e puxou um cigarro. Esticou o olhar e viu o encarregado descendo da F-1000. O canteiro todo pareceu acordar. De todos os lados surgiram homens mal-barbeados e sujos, palitos nos dentes, os rostos ansiosos. Formaram um semi-círculo ao redor do recém chegado, que iniciou a chamada.

À medida que escutavam os nomes, os operários saltavam à frente e apanhavam o envelope com o salário da semana. Mãos ávidas agarravam as cédulas, ouviam-se suspiros e palavrões.

Nairo foi um dos últimos a receber o envelope. Abriu devagar, segurando as cédulas com cuidado. Conferiu a estampa, os algarismos, as assinaturas. Por fim iniciou a contagem, os olhos atentos.

Deveria haver um engano. Atirou o cigarro no chão e tornou a contar. Recolocou o dinheiro dentro do envelope e aproximou-se do encarregado, que dava as últimas instruções:

- Segunda-feira vamos terminar a pintura do salão de festas e limpar as lareiras das coberturas. Precisamos entregar o prédio dia 15, não quero ver ninguém mais chegando atrasado

Nairo postou-se bem a sua frente, mas não teve tempo para falar. Assim que dispensou os operários, o encarregado foi direto ao assunto:

- A partir de agora vamos precisar de menos gente , vou ter que te dispensar.

Ficou imóvel, como que absorvendo o choque. As palavras saíram de sua boca sem ele perceber:

- Logo eu? Tenho mais de dois anos na firma, e sempre me dei bem com todo mundo.

- Tu sabe como é, mudou o engenheiro. O homem disse pra só ficar com aqueles que trabalhassem mesmo, e tu perdeu a terça inteira. O que eu vou dizer pra ele?

Claro, a terça. Como pôde esquecer? O caçula doente, a mulher reclamando que o gás estava no fim, a ressaca do vinho avinagrado. Para completar, aquilo que a fofoqueira da vizinha dissera, outra greve dos motoristas. Lembrava-se bem, agora. Passara a manhã inteira na cama e só quando avistara o primeiro ônibus, próximo ao boteco em que costuma comprar gás, é que teve a certeza de que devia ter confirmado a notícia.

- Foi só um dia, entre tantos que eu me matei trabalhando.

- Não posso fazer nada, Nairo. A decisão já foi tomada.
- Vou buscar minhas coisas então.
- Sei que é chato, cara, mas eu sou operário também. O homem mandou, fazer o quê?

Nairo deu as costas e subiu as escadas com rapidez, ainda fazendo cálculos. O dia perdido pesaria muito em seu orçamento. Teria que deixar o presente do filho para o outro mês, caso conseguisse outra obra. Difícil seria abraçá-lo com as mãos abanando.

Quando alcançou o último andar, diminuiu o ritmo. Já entrara naquela cobertura dezenas de vezes, mas seu tamanho sempre o impressionava. Atravessou o hall de entrada, a sala de jantar e parte do living, até atingir o Estar Intimo onde deixara as ferramentas. Havia trabalhado toda a manhã no acabamento da lareira. Passou a mão pelo tampo de mármore e imaginou como seria gostoso sentar-se ali nas tardes de inverno, aguardando o pôr-de-sol.

A janela emoldurava o desfile do rio sob a tarde luminosa. Nairo apoiou as mãos no beiral e sentiu a brisa atingir o rosto. Alongou o olhar e contemplou a silhueta elegante da usina, a ponte e as ilhas do Guaíba. Bem à direita pôde divisar a fachada inconfundível do *Tour d'Argent*, prédio que ele ajudara a construir. Desviou os olhos, mas não conseguiu evitar a lembrança dolorida do mês anterior, quando se postara em frente ao majestoso edifício, orgulhoso de seu trabalho. O vigilante aproximou-se e advertiu, brandindo o cassetete:

- Diz pra tua turma desistir! Tem circuito de tv, duas guaritas, alarmes por todos os cantos....

Nunca sentira tanta vergonha, tanto desprezo. O velho Alzemiro é que tinha razão: “ Sempre que tu terminar um prédio, olha bem pro teu trabalho, guarda contigo cada detalhe, pois tu nunca mais vai entrar nele.”

Nairo afastou-se da janela e saiu da sala. Apanhou a tinta vermelha na sacada e examinou novamente o living. Deviam caber ali duas casas iguais a sua. Com o pincel na mão, aproximou-se da parede lateral. A mão direita escorregou com força, revelando uma caligrafia infantil. Ao terminar, retrocedeu alguns passos e leu, emocionado, as palavras gigantescas, a mensagem indestrutível:

“ NAIRO TRABALHOU AQUI “